

O Brasil segundo a ficção

Português

Enviado por:

Postado em:23/08/2013

Cândido seleciona dez livros que discutem o Brasil por meio da ficção. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis Lançado em 1881, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, brinca com uma forma narrativa cheia de comentários, alusões e citações, feitas pelo autor-defunto Brás Cubas, que decide escrever suas memórias depois de morto. Além de um ágil ir e vir típico do movimento da memória, a narrativa ainda traz uma pitada de humor melancólico ao expor os privilégios da elite da época, o que torna o romance tão precioso, uma vez que Machado conseguiu criticar a burguesia sutil e inteligentemente apresentando uma visão mais interna e psicológica. Com esse texto, além de grande independência e originalidade, Machado viria a inaugurar o padrão moderno nas letras nacionais, rompendo muitas das convenções literárias de sua época. É considerado o divisor de águas na carreira literária do autor que, a partir deste romance, rompe os laços com o romantismo e passa a escrever sob um viés mais realista. *Triste fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto. Publicado primeiramente em folhetim no ano de 1911, *Triste fim de Policarpo Quaresma* ganharia edição em livro apenas em 1915. No romance, Lima Barreto conseguiu traduzir os impasses do Brasil de seu tempo se valendo da ironia. Vivendo de idealismos nacionais, o major Policarpo Quaresma retrata suas desventuras e desencantos com a pátria amada em três momentos distintos de sua vida: primeiro como um funcionário público que vive em seu gabinete cheio de livros; depois como um proprietário rural em terras inférteis, como não imaginava existir; e, por fim, como um soldado voluntário na Revolta Armada, em 1893. A rejeição de Barreto ao eruditismo e ao rebuscamento estilístico se explica como uma postura de oposição à chamada elite literária, o que gerou muitas críticas ao autor. Tal coloquialismo é visto como uma antecipação de características defendidas pelos modernistas, inserindo assim *Triste fim de Policarpo Quaresma* no pré-modernismo brasileiro. *Macunaíma*, de Mário de Andrade Redigido em seis dias, *Macunaíma* é considerado a obra mais expressiva do modernismo brasileiro. Fundindo lendas indígenas com a cultura da metrópole, o livro foi influenciado pela leitura que Mário de Andrade fez da obra do antropólogo alemão Theodor Koch-Grünber, que havia estudado as lendas e os mitos brasileiros. *Macunaíma*, o personagem principal, sai da selva amazônica, onde vivia preguiçosamente de comida e sexo, e vai para São Paulo a fim de recuperar a muiraquitã — talismã que dele foi furtado. Durante todo o trajeto na cidade grande, são muitas as metamorfoses pelas quais passa o protagonista e outros seres folclóricos do livro. A obra veio a romper com o tempo e espaço dos romances tradicionais da época. A solenidade do tom épico-lírico, a leveza da crônica cômica, a sem-cerimônia e os atrevimentos da paródia, fizeram do livro uma das mais ousadas e eficientes experiências formais da primeira geração do modernismo brasileiro. *Morte e vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto Lançado originalmente no livro *Duas águas*, em 1956, *Morte e vida Severina* é um longo poema que harmoniza forma e temática social de maneira exemplar. Retirante do agreste devido à seca e miséria paraibana, Severino luta pela sobrevivência seguindo rumo ao litoral. Pelo caminho, em busca de uma vida digna, depara-se com diversas facetas da morte — causada pela seca, pela fome, que corrói as entranhas do país. A simplicidade e concentração encontrada no poema, assim como as fortes imagens visuais e auditivas, chegam

muito próximo a uma linguagem de registro oral. Os sertões, de Euclides da Cunha O romance Os sertões surgiu de uma reportagem encomendada pelo jornal O Estado de S. Paulo. Encarregado de cobrir a Guerra de Canudos (1896-1897), Euclides da Cunha descreve a geografia e a população do sertão baiano em seu livro, publicado em 1902. Sob o plano da objetividade científica, o autor não deixa de ficar indignado e espantado com o que testemunha no interior da Bahia. Descreve o contraste cultural nos dois “Brasis”: o do sertão e o do litoral, criticando o nacionalismo exacerbado da população litorânea. É um relato que incomoda por mostrar os séculos de atraso e miséria da região. Com a descrição rigorosa de um observador e grande habilidade na construção de imagens, Euclides em seu Os sertões influenciou várias gerações de autores e foi considerado a base de um regionalismo mais maduro que viria influenciar nomes como Graciliano Ramos e José Lins do Rego.

O cortiço, de Aluísio de Azevedo O romance foi publicado em folhetins por volta de 1890. Transformando o espaço coletivo de um cortiço no personagem central de sua história, Azevedo conta, por meio dos moradores da estalagem, a ambição e exploração do homem pelo homem. Abolicionista, anticlerical e crítico da sociedade maranhense, o autor fala mais fundo ainda ao descrever toda a sujeira, podridão e promiscuidade criticamente, mostrando a miséria do proletariado urbano e posicionando-se de maneira solidária junto ao povo do cortiço. Vidas secas, de Graciliano Ramos vidas secas, publicado em 1938, é o romance mais estudado e lido de Graciliano Ramos. O romance também tornaria o autor o maior prosador do chamado regionalismo da Geração de 30. O personagens do livro fazem parte de uma família de retirantes que se lança do sertão nordestino em busca de uma vida melhor na cidade grande. Os personagens Fabiano e a cachorra Baleia, de tão fortes, entraram para o imaginário popular brasileiro, pois são caracterizados como criaturas em constante embate com o meio, hostil e degradante. A ausência de linguagem, de comunicação entre os familiares durante a jornada, deixa transparecer a insegurança e falta de fé na caminhada agonizante que eles realizam, utilizando a força imagética da angústia de uma cadela e seu sacrifício. Grande sertão: veredas, de Guimarães Rosa Grande sertão: Veredas é a uma narração em primeira pessoa das aventuras de Riobaldo pelo sertão mineiro. O protagonista conta sua vida a um “senhor” cuja identidade permanece oculta no livro. Riobaldo anseia por negar a existência do demônio, com quem fez um pacto para matar o jagunço do bando rival, Hermógenes. Repleto de neologismos, arcaísmos recuperados e linguagem coloquial, Grande sertão: veredas revela o Brasil profundo por meio de uma narrativa ao mesmo tempo, lírica e selvagem. São Bernardo, de Graciliano Ramos Publicado em 1934, antes de Vidas secas, São Bernardo é considerado um dos mais famosos romances brasileiros. O narrador e protagonista, Paulo Honório, faz uma retrospectiva de sua vida, rememorando seus dias desde guia de cego até proprietário da tão cobiçada fazenda São Bernardo. Tratando de uma tragédia rural, o narrador escreve com um único e claro objetivo: compreender a razão do suicídio de sua esposa, Madalena, por meio de suas lembranças e análise dos fatos. Nessa tragédia rural, o estudo psicológico feito pelo romancista tornou-se um dos mais exemplares da literatura brasileira. O último capítulo do livro, encerra São Bernardo de modo perturbador: sem conseguir dormir, sozinho, o protagonista faz as contas da própria existência. Viva o povo brasileiro, de João Ubaldo Ribeiro Com mais de 700 páginas, Viva o povo brasileiro ganhou as prateleiras em 1984. Recontando com maestria pouco mais de três séculos de uma anti-história do Brasil, o romance épico por excelência está centrado na ilha de Itaparica — campo de batalhas indígenas e grandes farras antropofágicas, devastado no século 17 pela infantaria holandesa. A fim de construir uma identidade do povo brasileiro, o autor utiliza paródias e o uso de diferentes registros, como o culto e o popular, o lusitano e o nacional. Os personagens do romance são os excluídos da história oficial: negros, índios, portugueses e holandeses, que representam a recontagem crítico-satírica da história do país, denunciando a devassidão presente no processo de formação do povo brasileiro. Incorporando fragmentos de documentos orais e escritos, o livro exalta os “heróis de nossa gente”, apresentando diversas nuances de nossa evolução, tornando-o uma das obras mais significativas, do ponto de vista

estilístico e político, da literatura contemporânea brasileira. Esta notícia foi publicada dia 23/08/13 no site <http://www.candido.bpp.pr.gov.br/>. Todas as informações contidas nela são de responsabilidade do autor.